



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS E DE CARGOS DE DIREÇÃO NO INSTITUTO
FEDERAL DE GOIÁS, BRASIL**

Andreia Farina de Faria
andreiaffaria@hotmail.com
Instituto Federal de Goiás
Brasil

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano
daisycaetano@hotmail.com
Instituto Federal de Goiás/Universidade Federal de Goiás
Brasil

Marcela Mangucci Calil
marcelamangucci@hotmail.com
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Brasil

Maxmillian Lopes da Silva
max.lopes@ifg.edu.br
Instituto Federal de Goiás
Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O presente artigo aborda as relações de gênero na docência no intuito de colocar em evidência a condição das mulheres em uma instituição de ensino pública federal no Brasil. A metodologia de pesquisa contemplou a revisão bibliográfica sobre o tema, construção de dados referentes à instituição em estudo e, por fim, considerações finais à luz dos dados analisados.

Especificamente, a pesquisa identificou que a carga horária das mulheres docentes é menor do que a atribuída aos homens, todavia, a distribuição das disciplinas por nível de ensino dá uma conotação hierárquica a essa proporcionalidade. Repete-se o dado nacional de que quanto mais inicial o nível de ensino, maior a quantidade de mulheres e de quanto mais especializado e científico o nível de ensino, maior a quantidade de homens na docência. No caso do IFG essa diferença vai atuar da seguinte forma: mais professoras nas disciplinas básicas do ensino técnico (médio) e mais professores nas disciplinas técnicas do ensino técnico (médio) e no ensino superior.

Por fim, salienta-se que a carreira docente no IFG contempla atuação em ensino, pesquisa e extensão e que por tratar-se de ambiente acadêmico apresenta aspectos que remontam à relação histórica entre ciência e gênero, que terá rebatimento direto nas discussões e dados apresentados neste artigo. A identificação dessa realidade reafirma a necessidade de repensar a rotina institucional e acadêmica focando nas estratégias coletivas de equidade de gênero e valorização das mulheres na ciência, sobretudo em um ambiente educacional.

Palavras-chave

Gênero. Docência. Curso Técnico. Curso Superior. IFG.

ABSTRACT



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

This article approaches gender relations in teaching in order to point the condition of women in a federal public education institution in Brazil. The research methodology included a literature review about the subject, construction of data regarding the institution under study and, finally, considerations according to the data analyzed.

Specifically, the research identified that the workload of female teachers is lower than that attributed to men, however, the distribution of the subjects by level of education gives a hierarchical connotation to this proportionality. It's the same national data that how lower the level of education, greater the number of women and how more specialized and scientific the level of education, the greater the number of men in teaching. In the case of the IFG, that difference will act as follows: more women in the basic disciplines of technical education (high school) and more men in the technical disciplines of technical (technical high school) education and higher education.

Finally, it should be pointed out that the teaching career in the IFG includes teaching, research and extension activities and that since it is an academic environment, there are aspects that refers to the historical relationship among science and gender, which will be directly refuted in the discussions and data presented in this article. The identification of this reality reaffirms the necessity to rethink the institutional and academic routine focusing on the collective strategies of gender equity and valorization of women in science, especially in an educational environment.

Keywords

Genre, Teaching. Technical Course. Higher Course. IFG



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Estudar gênero no IFG, pensando as conexões do tema com a realidade do ensino, pesquisa e extensão acabou surgindo como uma demanda ao levantar a distribuição de disciplinas e cargos de direção no IFG.

Ao realizar um estudo sobre gênero no âmbito do IFG é necessário ressaltar que ao abordar esta categoria levantam-se diferenças sociais, portanto, são interpeladas as condições de homens e mulheres e os desdobramentos dessas condições na instituição. A importância de inserir gênero nos estudos sobre a instituição pode ser endossada por Scott (1995), que apresenta a utilidade da categoria gênero para análises históricas e sociais e por Mathieu (2009), que reforça o fato de que gênero é uma diferenciação social que se manifesta, inclusive, na divisão do trabalho e dos meios de produção.

O trabalho docente no IFG deve estar ancorado no tripé ensino-pesquisa-extensão e assemelha-se ao ambiente acadêmico brasileiro em geral, que pode ainda carregar resquícios da história da ciência humana. Esta ciência foi delineada por homens das classes dominantes e segundo os interesses desses indivíduos, que calçaram suas pesquisas com uma suposta neutralidade que abarcaria os interesses universais (LOWY, 2009).

Assim, é importante pensar sobre os espaços institucionais ocupados por homens e mulheres, sem abandonar os aspectos históricos, pois com um olhar rápido e crítico em demasia, pode-se pensar que as mulheres não lograram tanto êxito ao longo do tempo. Um olhar pernicioso diria que elas obtiveram muito mais do que esperavam e, portanto, estão em situação favorável. Este trabalho objetiva demonstrar a situação intermediária desses olhares, qual seja, os diversos avanços em termos de equidade de gênero conquistados recentemente, mas que, nem de longe, representam conforto à causa feminina.

A partir disto, são apresentados e analisados os dados de pesquisa quantitativa realizada acerca da distribuição das disciplinas por gênero dos/as professores/as nos câmpus do IFG.

Salienta-se que as análises aqui realizadas são um demonstrativo das questões de gênero no que diz respeito à organização do trabalho docente ou à realidade do IFG como ambiente de trabalho para homens e mulheres ocupando distintos cargos e funções, com vínculos efetivos,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

temporários e terceirizados. Portanto, o debate não se encerra aqui, sendo que esta iniciativa é um primeiro levantamento do estado da arte dessa questão no IFG.

Por fim, este trabalho visa servir de instrumento para toda a comunidade acadêmica a fim de conhecer aspectos mais subjetivos do trabalho em nossa instituição. Os dados e análises aqui expostos visam, sobretudo, corroborar para a consolidação de uma instituição cada vez mais democrática e sem discriminação. Isto, obviamente, sem abrir mão dos princípios fundantes da oferta de educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

II. Marco teórico

Em uma análise que se propõe dialética, é possível perceber os avanços obtidos pelas mulheres no mundo do trabalho ao mesmo tempo em que a sociedade, como um todo, segue embebida pelos símbolos da dominação masculina (BORDIEU, 2002). A estreita relação entre ciência e gênero ocorre também pela linha histórica da ciência que apresenta, segundo Lowy (2009, p.43) “uma sucessão de obras de ‘grandes homens’ – e de algumas mulheres escolhidas – que fizeram ‘descobertas’ importantes”. Lowy (2009, p. 43) propõe desvelar o trabalho oculto de todas as pessoas que fizeram e fazem ciência para que se possa entender a ciência real, que favorece o “desenvolvimento de conhecimentos e práticas científicas mais solidamente ancoradas na sociedade e mais engajadas na cidade”.

Com o intuito de relacionar a presença de mulheres nas instituições de pesquisa, Schiebinger (2001) se debruçou sobre as mudanças ocorridas na ciência a partir do feminismo e mostrou que o feminismo desenvolveu teorias científicas e incentivou novas searas de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. O feminismo mudou a ciência por sua prática política e por incentivar mudanças culturais e esta realidade apontada por Schiebinger (2001) também é verdadeira no Brasil, já que para a dedicação de uma mulher à ciência é necessário romper com o modelo de homem cientista que possui uma mulher no espaço privado à disposição para cuidar da reprodução da vida cotidiana e doméstica da família.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A presença de professoras no IFG configura a presença de mulheres no ambiente acadêmico que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão. Há, portanto, na instituição professoras-pesquisadoras que para o cumprimento de seu trabalho devem também produzir ciência.

Contextualizando essa imbricação do tripé da instituição é necessário entender que nem todos os espaços de educação possuem esta característica. Na maior parte das escolas brasileiras de ensino básico, administradas pelos municípios e estados federativos, não são criadas condições para que o corpo docente possa também dedicar-se à pesquisa. Nestes casos, nem em documentos existe o/a professor/a-pesquisador/a.

Aqui aparece um importante dado: a docência no Brasil é marcadamente feminina. Existe uma realidade que coloca as mulheres entre o lar e a escola, como detalhado por Santos (2009). O trabalho docente é considerado um trabalho feminino quando são analisados os dados do Brasil em todos os níveis de ensino. O Censo (IBGE, 2010) mostrou que 75,8% das pessoas que estão na regência são mulheres. Isto porque o século XX foi decisivo para que as mulheres adentrassem as salas de aula na condição de professoras (CHAMON, 2005) ao mesmo tempo em que vertiginosamente a docência passou por um processo de desvalorização.

Em estudo anterior foi possível confirmar que a docência no Brasil é precarizada e feminizada, nesta ordem (CAETANO, 2014). Além disso, quanto mais inicial o nível de ensino, mais feminizado esse é. Isto demonstra que quanto mais próximo da possibilidade e do dever de fazer ciência, menor o número de mulheres que ocupam cargos de professoras-pesquisadoras. E a realidade no IFG não é diferente, pois quanto mais especializado e científico o nível de ensino, maior a quantidade de homens na docência.

As instituições de ensino estão inseridas na sociedade tal qual ela é: capitalista, patriarcal e preconceituosa. E, ao contrário daquilo que muitas pessoas imaginam ou sonham, elas não conseguem se desvencilhar facilmente destas características. No entanto, como espaços de ensino estão aptas ao aprendizado, à transformação social e ao questionamento das desigualdades sociais.

Visando abordar a realidade do IFG quanto às questões de gênero, é interessante fazer apontamentos acerca da realidade social da mulher brasileira no mundo do trabalho. As últimas décadas têm demonstrado avanço dos números relacionados à condição da mulher na sociedade e à



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ampliação de direitos sociais. Destaca-se o aumento da escolaridade e conseqüentemente o crescimento das mulheres na População Economicamente Ativas (PEA). Nesse sentido, é importante compreender as nuances da participação feminina no mundo do trabalho tendo em vista as violações praticadas em detrimento da equidade de gênero.

Fazendo um avanço temporal, utilizando os dados do Censo 2010 do IBGE, tem-se também que na escala salarial brasileira os homens brancos estão no topo, seguidos pelas mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, o que mais uma vez comprova a desigualdade de gênero e raça no país.

Bruschini & Lombardi (2003) perceberam uma tendência em relação à desigualdade de remuneração para a década de 1990: as mulheres continuam recebendo menores salários, porém a diferença entre os ganhos femininos e masculinos caiu (p. 354). Atualizando esse dado, em 2010 as mulheres brasileiras recebiam 67,7% dos rendimentos masculinos, segundo o Censo do IBGE.

O relatório “O Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016: transformar economias para realizar direitos” (tradução livre) da ONU Mulheres, apresenta as lacunas entre as leis e as políticas que garantem a igualdade de direitos para as mulheres, conforme a secretária geral adjunta e diretora executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka.

Na Ficha Informativa para a América Latina e Caribe a ONU Mulheres também destaca diversos avanços e possibilidades para a região, no que tange à igualdade de gênero. A questão do aumento da participação feminina no trabalho também é destacada, em que pese a criação de mais 17 milhões de empregos no Brasil, entre 2001 e 2009, dos quais mais de 10 milhões eram empregos formais, o que não diminui o fosso entre a maior formalização de homens do que de mulheres. A taxa de participação feminina na PEA chegou a 58% em 2009 (sendo que em 1998 essa taxa estava em 47%), o que anima a perseguição pela equidade de gênero.

De outro lado

Las mujeres son especialmente vulnerables a la inseguridad económica y la dependencia financiera. En toda la región [da América Latina], las mujeres tienen menos probabilidad que los hombres de acceder a ingresos personales. En 2013, el 13% de los hombres no tenía acceso a ingresos



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

personales, en comparación con el 29% de las mujeres. (ONU MULHERES, 2015, p. 2)

Daí que persiste a urgência em continuar combatendo a vulnerabilidade à pobreza pela qual passam as mulheres, seja com a oferta de educação continuada, profissional, seja assegurando os programas sociais e as conquistas de direitos, isso é visto que *“En el Brasil y México, los servicios de educación y salud contribuyen dos veces más que los impuestos y las transferencias sociales combinados a la reducción de la desigualdad de los ingresos.”* (ONU MULHERES, 2015, p. 3)

Pelo exposto, compreendemos que houve avanços e conquistas no que se refere aos direitos das mulheres, mas que apenas os números vistos isoladamente não retratam a equidade que corresponda aos demais avanços socioeconômicos e culturais da humanidade. Dessa sorte, não é viável abrandar a argumentação e as ações pela igualdade de gênero para comemorar conquistas que diminuam as desigualdades, mas que ainda não alicerçaram um lugar igualitário para a mulher na sociedade.

Refletir sobre a presença da mulher no mundo do trabalho se relaciona diretamente com a análise do lugar da mulher na sociedade. Se a sociedade é capitalista, patriarcal e racista, o mundo do trabalho vai evidenciar estas características.

O capitalismo como sistema, se reestrutura em suas crises, mas os momentos de crise do capital agudizam desigualdades e retiram as mulheres do caminho de diminuição de desigualdades. Uma análise totalizante da realidade social das mulheres no mundo do trabalho, portanto, há de considerar que as imbricações de gênero, classe e raça são consubstanciais (HIRATA, 2014) e que a estrutura patriarcal segue presente na vida das trabalhadoras nos espaços públicos e privados (NOGUEIRA, 2010).

É relevante, portanto, ressaltar quais são os sujeitos apresentados nessa pesquisa: docentes, qualificadas/os, de alta escolarização que atuam na educação, vinculadas/os à carreira de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) com condições de trabalho menos precarizadas do que aquelas colocadas para as redes estadual e municipal de ensino, por exemplo. A partir da contextualização da docência e da realidade social das mulheres, indaga-se para a análise dos dados do IFG, se existe desigualdade entre professores e professoras no âmbito dessa instituição.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Este estudo contemplou dados referentes ao ano letivo de 2016 e apresenta uma abordagem quantitativa. Para isso foram confeccionadas tabelas a fim de organizar os dados e permitir uma leitura factível da realidade da distribuição de disciplinas por gênero no IFG. São tabelas referentes ao número de docentes por gênero no IFG e a distribuição de disciplinas em cursos técnicos de nível médio e cursos superiores, bem como tabelas que destrincham estes dados e cursos por câmpus.

IV. Análise e discussão de dados

A Tabela 1 apresenta o quadro geral da distribuição das disciplinas no IFG. Proporcionalmente a distribuição de disciplinas entre homens e mulheres está equilibrada. Considerando a presença de 653 professores (60%) e 428 professoras (40%) na regência, a média de disciplinas por professoras foi de 4,31 e entre professores ficou em 4,45. Ou seja, neste primeiro momento de análise ocorre uma distribuição equilibrada no número de disciplinas entre o grupo de docentes. No entanto, já é possível perceber a menor participação das mulheres nos cursos superiores (36%).

Tabela 1 – Número de docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
653		428	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
1.888	1.019	1.290	558

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir dos dados do Visão IFG <<https://visao.ifg.edu.br/entrada/>> Acessado em junho/julho de 2016.

Notas: Total de disciplinas: 4.755

Total de professores (as) no Câmpus: 1.081;

105 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis;

35 matérias lecionadas não tem a especificação se é técnico ou superior;

117 cursos são fornecidos pelo IFG, dentre cursos de ensino médio (técnicos), de graduação (bacharelados, licenciaturas e tecnólogos) e pós-graduações (*lato sensu* e *stricto sensu*).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dando prosseguimento a análise sobre os dados institucionais, a Tabela 2 apresenta a média da carga horária para os docentes nos câmpus por gênero. De certa forma, há um equilíbrio na distribuição de carga horária no IFG entre homens e mulheres, com a média de carga horária das professoras um pouco mais elevada.

Tabela 2 – Carga horária média por gênero feminino e masculino em cada Câmpus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, por ciclo – 2016/1.

Câmpus	Carga horária média de docentes do gênero feminino			Carga horária média de docentes do gênero masculino		
	Carga Horária (1)	Quant. de mulheres (2)	Média (½)	Carga Horária (1)	Quant. de homens (2)	Média (½)
Águas Lindas	110	16	6,87	206	18	11,44
Anápolis	434	38	11,42	436	34	12,82
Aparecida de Goiânia	322	37	8,7	424	40	10,6
Cidade de Goiás	254	23	11,04	240	21	11,42
Formosa	274	25	10,96	522	43	12,13
Goiânia Oeste	260	28	9,28	120	12	10
Inhumas	326	28	11,64	426	34	12,53
Itumbiara	348	27	12,88	512	37	13,84
Jataí	436	34	12,82	640	50	12,80
Luziânia	232	21	11,05	494	40	12,35
Senador Canedo	76	6	12,67	184	21	8,76
Uruaçu	350	27	12,96	540	41	13,17
Valparaíso de Goiás	94	9	10,44	200	21	9,52
Goiânia	1222	109	11,21	2770	241	11,49
Total	4738	428	11,07	7714	653	11,81
Variância			2,84			2,01

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir dos dados do Visão IFG <<https://visao.ifg.edu.br/entrada/>> Acessado em junho/julho de 2016.

Há dois câmpus, com grande disparidade na distribuição de carga horária entre homens e mulheres. No Câmpus Águas Lindas os homens estão com carga horária superior, com média de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

11,44 horas por professor em contraponto às 6,87 horas médias das professoras. No Câmpus Senador Canedo, as professoras estão com média de 12,67 horas enquanto os professores marcam 8,76 horas de aulas.

Para seguir a análise, serão usados como exemplos alguns campus do IFG. Aprofundando a análise dos dados do Câmpus Águas Lindas, por exemplo, a partir da distribuição de disciplinas, temos que há um número equânime de docentes, com 18 professores e 16 professoras, conforme a Tabela 3. Não há cursos superiores em oferta na unidade, conforme Tabela 3 e Tabela 4. Os cursos técnicos ofertados, nas modalidades técnico integrado em tempo integral e educação de jovens e adultos, compreendem cursos das áreas de saúde e um curso de meio ambiente. Sobretudo, os cursos técnicos da área de saúde tendem a ter um maior número de mulheres, pela caracterização social destas profissões. Portanto, o Câmpus Águas Lindas, apresenta dados diferentes do esperado, conforme as Tabelas 3 e 4.

Tabela 3 – Número de docentes do Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
18		16	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
87		86	
Total de disciplinas: 173			
5 disciplinas não estão com os professores responsáveis			
Total de professores (as) no câmpus: 34			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Tabela 4 – Cursos oferecidos no Câmpus Águas Lindas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Vigilância em Saúde	Técnico Integrado
Enfermagem	EJA
Análises Clínicas	Técnico Integrado
Meio Ambiente	Técnico Integrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A realidade do Câmpus Formosa se diferencia dos câmpus já analisados, ao mesmo tempo em que se aproxima da realidade geral do IFG, apontada na Tabela 1, em que a quantidade de professores é maior que a de professoras. Sendo assim, a realidade do Câmpus Formosa é de 63% de docentes do gênero masculino. Na distribuição de disciplinas dos cursos técnicos, os professores também respondem por 63% das disciplinas, mas no ensino superior contam com 70% das disciplinas. Esta contraposição pode ser capaz de explicar, por exemplo, a pequena superioridade da carga horária dos professores nesta unidade, como apontado na Tabela 2.

As Tabelas 5 e 6 exibem a realidade do Câmpus Goiânia Oeste, em que 70% do corpo docente é composto por mulheres, destoando da realidade geral do IFG (Tabela 1). Na distribuição das disciplinas, não há grandes distorções mas as professoras respondem pela maioria das disciplinas do curso de graduação em Pedagogia (82%). Com isso, respondem a somente 57% das disciplinas nos cursos técnicos, o que pode ser explicado pelo fato de que, conforme a Tabela 14 são ofertados quatro cursos técnicos e um superior. No geral da oferta, as mulheres ministram 60% das disciplinas, enquanto eles ficam com 40%. É um câmpus em que, ao contrário do Câmpus Formosa, a docência é majoritariamente feminina.

Tabela 5 – Número de docentes do Câmpus Goiânia Oeste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
12		28	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
42	9	56	25
Total de disciplinas: 132			
3 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
Total de professores (as) no Câmpus: 40			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tabela 6 – Cursos oferecidos no Câmpus Goiânia Oeste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Pedagogia	Licenciatura
Enfermagem	EJA
Nutrição e Dietética	Técnico Integrado
Análises Clínicas	Técnico Integrado
Vigilância e Saúde	Técnico Integrado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

Torna-se interessante analisar comparativamente a Tabela 5 e a Tabela 6 para buscar o entendimento desta realidade da configuração docente. É possível observar que o Câmpus Goiânia Oeste oferta cinco cursos em que o mundo do trabalho absorve majoritariamente mulheres, sendo importante ressaltar ainda que são profissões que correspondem ao estereótipo feminino aplicado pela sociedade patriarcal por estarem intimamente relacionadas ao cuidado.

No outro lado, o Câmpus Formosa possui seis cursos em que os homens são maioria no mundo do trabalho e que as profissões respondem ao estereótipo masculino para lidar com a tecnologia, a força física e a liderança, são esses: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Manutenção e Suporte em Informática, Edificações, Engenharia Civil, Saneamento e Biotecnologia. Além disso, a presença de mulheres nestas profissões e, portanto, cursos, ainda é tímida e desafia padrões da sociedade historicamente machista.

Tabela 7 – Número de docentes do Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
21		9	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
87	11	45	1
Total de disciplinas: 144			
Total de professores (as) no Câmpus: 30			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O corpo docente do Câmpus Valparaíso possui 21 homens e 9 mulheres, conforme a Tabela 7, o que corresponde a 70% de homens na docência no câmpus. Eles ministram 65% das disciplinas dos cursos técnicos e 91% das disciplinas do curso superior de Licenciatura em Matemática ofertado pelo câmpus.

A Tabela 8 exhibe os cursos ofertados pelo Câmpus Valparaíso. Estes cursos são marcados pela atuação masculina no mundo do trabalho e isso pode explicar também a alta atuação de professores no câmpus, sobretudo no ensino superior na Licenciatura em Matemática.

Tabela 8 – Cursos oferecidos no Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Eletrotécnica	Proeja
Automação Industrial	Técnico Integrado
Mecânica	Técnico Integrado
Matemática	Licenciatura

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.

O Câmpus Goiânia é o maior câmpus do IFG, com quatro Departamentos de Áreas Acadêmicas e diversos cursos, conforme a Tabela 14.

Tabela 13 – Número de docentes do Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, divididos por gênero e disciplinas lecionadas nos cursos técnicos e/ou superiores, por ciclo – 2016/1.

Homens		Mulheres	
241		109	
Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores	Disciplinas em cursos Técnicos	Disciplinas em cursos Superiores
483	488	203	207
Total de disciplinas: 1381			
Total de professores (as) no Câmpus: 350			
40 disciplinas não estão com os professores (as) responsáveis			
* 11 matérias lecionadas por mulheres não tem a especificação se é técnico ou superior/ 19 matérias lecionadas por homens não tem a especificação se é técnico ou superior.			

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tabela 14 – Cursos oferecidos no Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e suas respectivas modalidades, no ciclo – 2016/1.

Curso	Modalidade
Instrumento Musical	Integrado
Cozinha	EJA
Música	Licenciatura
História	Licenciatura
Letras	Licenciatura
Turismo	Bacharelado
Políticas e Gestão da Ed. Profissional e Tecnológica	Especialização
Mineração	Integrado
Controle Ambiental	Integrado
Mineração	Subsequente
Matemática	Licenciatura
Física	Licenciatura
Engenharia Ambiental e Sanitária	Bacharelado
Química	Bacharelado
Matemática	Especialização
Tecnologia de Processos Sustentáveis	Mestrado
Edificações	Integrado
Transporte Rodoviário	EJA
Engenharia Civil	Bacharelado
Engenharia de Transporte	Bacharelado
Engenharia Cartográfica e de Agrimensura	Bacharelado
Eletrônica	Integrado
Eletrotécnica	Integrado
Telecomunicações	Integrado
Mecânica	Subsequente
Eletrotécnica	Subsequente
Informática para Internet	EJA
Engenharia Elétrica	Bacharelado
Engenharia de Controle e Automação	Bacharelado
Engenharia Mecânica	Bacharelado
Sistemas de Informação	Bacharelado

Fonte: Elaborado pelo Observatório do Mundo do Trabalho a partir do Portal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás <<http://www.ifgoias.edu.br/>>. Acessado em junho/julho de 2016.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Pela análise da Tabela 13 tem-se que o corpo docente é composto por 68% de homens, que respondem por 70% das disciplinas dos cursos técnicos e dos cursos superiores, representando um câmpus masculino do ponto de vista da docência, mesmo diante da diversidade de cursos.

V. Conclusões

A construção de dados quantitativos abrangeu a distribuição das disciplinas no Instituto Federal de Goiás, restrita aos docentes, abrangendo disciplinas dos níveis de ensino técnico (médio) e superior, sendo sistematizadas por gênero, Câmpus e modalidade de ensino. Em suma, a pesquisa exploratória corrobora a literatura sociológica e historiográfica acerca do processo de lutas e conquistas sociais no Brasil. Por outro lado, os dados referentes aos/as docentes acerca da distribuição de disciplinas revela a manutenção da estrutura patriarcal e machista na organização do trabalho.

Especificamente, a pesquisa identificou que a carga horária das mulheres docentes é menor do que a atribuída aos homens, todavia, a distribuição das disciplinas por nível de ensino dá uma conotação hierárquica a essa proporcionalidade. Repete-se o dado nacional de que quanto mais inicial o nível de ensino, maior a quantidade de mulheres e de quanto mais especializado e científico o nível de ensino, maior a quantidade de homens na docência.

No caso do IFG como um todo essa diferença vai atuar da seguinte forma: mais professoras nas disciplinas básicas do ensino técnico (médio) e mais professores nas disciplinas técnicas/específicas do ensino técnico (médio) e no ensino superior.

Por fim, salienta-se que a carreira docente no IFG contempla atuação em ensino, pesquisa e extensão e que por tratar-se de ambiente acadêmico apresenta aspectos que remontam à relação histórica entre ciência e gênero, que terá rebatimento direto nas discussões e dados apresentados neste artigo.

A identificação dessa realidade reafirma a necessidade de repensar a rotina institucional e acadêmica focando nas estratégias coletivas de equidade de gênero e valorização das mulheres na ciência, sobretudo em um ambiente educacional.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nesse sentido, o levantamento bibliográfico que contemplou pesquisas de Guimarães (2016), Alves (2016), Bruschini & Lombardi (2003), Relatórios recentes da ONU Mujeres (2015), Lowy (2009), Mathieu (2009), Saffioti (2013), Scott (1995), Hirata (2014) entre outras, nos remete ao debate feminista sobre o sistema do patriarcado no Brasil, visto que um olhar isolado dos números escamoteia uma realidade pouco equitativa de gênero em meio às transformações socioeconômicas e culturais que são divulgadas de forma hegemônica para toda a humanidade.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2016, vol.24, n.2, pp.629-638. ISSN 0104-026X.
<http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p629>.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Capítulo Suplementar – Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M.; Hirata, H. (orgs.) **As Novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. p. 323-361.

CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva - **Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO**. Dissertação - Programa de Pós-graduação em Geografia (RC) - Universidade Federal de Goiás - Catalão - Goiás – Brasil, 2014.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério**. Ambiguidades e conflitos. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

GUIMARAES, Nadya Araujo. A Igualdade Substantiva e os Novos Desafios nas Relações de Gênero no Trabalho. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2016, vol.24, n.2, pp.639-643. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p639>.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014

LOWY, H. **Ciências e gênero**. - In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. P. 40-44.

MATHIEU, Nicole-Claude. **Sexo e gênero**. In: HIRATA, Helena at al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Aurora**, Marília – SP, ano 4, vol.6, 59-62, agosto de 2010.

ONU MULHERES. **Ficha Informativa: América Latina y el Caribe**. 2015. UN WOMEN. Disponível em:

<<http://www2.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2015/p>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

[oww-2015-factsheet-latinamericacaribbean-es.pdf?v=1&d=20151023T211541](#)> Acesso em: 17 ago. 2016

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2013.

SANTOS, Elza Ferreira. **Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério**. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol. 20, nº 2, 1995, p. 71-99.